

# SENSO RELIGIOSO EM TRANSFORMAÇÃO NAS PERIFÉRIAS DAS GRANDES CIDADES\*



Flávio Senra\*\*, Bruna Thamires da Silva Leite\*\*\*

**Resumo:** *este artigo apresenta uma reflexão sobre o senso religioso em transformação nas periferias das grandes cidades através de um estudo de caso na Avenida Nova York, no Bairro Capelinha – Betim/MG. O trabalho aqui apresentado procura identificar os elementos responsáveis pelo processo de aglomeração de templos na referida avenida. O suporte teórico da pesquisa abordou as contribuições da Geografia Urbana, uma caracterização geral sobre o pentecostalismo no processo de metropolização, além de aspectos concernentes à localização e às funções urbanas. Os resultados apontaram a existência de elementos que contribuíram para o surgimento da aglomeração de igrejas pentecostais na região. Destacam-se, neste caso, o papel de atração e expulsão que a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) exerce, a fragilidade socioeconômica da população do bairro, a ausência da Igreja Católica, e, por fim, a lógica de instalação das igrejas pentecostais.*

**Palavras-chave:** *Ciências da Religião. Geografia urbana. Metropolização. Pentecostalismo. Senso religioso contemporâneo.*

\* Recebido em: 09.03.2019. Aprovado em: 29.07.2019. Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa, desenvolvida entre os anos 2014 a 2016, intitulada Senso religioso e contemporaneidade. Análise e georreferenciamento da filiação religiosa da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Apoio: CNPq.

\*\* Doutor em Filosofia (Universidade Complutense de Madrid). Mestre em Ciência da Religião (Universidade Federal de Juiz de Fora). Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PUC Minas). Colíder do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. *E-mail:* flaviosenra@pucminas.br

\*\*\* Especialista em Geoprocessamento. Bacharel e Licenciada em Geografia (PUC Minas). *E-mail:* bruna\_thamires@hotmail.com

O artigo retrata o senso religioso em transformação nas periferias das grandes cidades. O ponto de partida aqui retratado apresenta um estudo de caso realizado em um bairro de periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. Ali o senso religioso em transformação evidencia a grande oferta de bens religiosos através de templos de matriz pentecostal<sup>1</sup>. O objetivo que se persegue está associado à identificação dos elementos responsáveis pela forte aglomeração espacial de templos ao longo da Avenida Nova York, localizada no bairro Capelinha, no município de Betim/MG.

O bairro Capelinha constitui exemplo emblemático da concentração espacial de templos evangélicos, caracterizando-se como uma referência para se pensar o senso religioso que se encontra em transformação no país, em particular nas periferias das grandes cidades. A principal via do bairro, a Avenida Nova York, possui uma extensão de 1.753,57 metros. Ali ocorre uma significativa aglomeração de igrejas<sup>2</sup>.

O estudo conta com o aporte teórico-metodológico da geografia urbana. De acordo com Clark (1985, p.18), “o foco em geografia urbana, dirige-se à compreensão daqueles processos sociais, econômicos e ambientais que determinam a localização, o arranjo espacial e a evolução dos lugares urbanos”. No entanto, este perfil não tem sido comumente utilizado nos estudos realizados pela geografia da religião<sup>3</sup>. Na geografia urbana, como afirma Ana Fani Alessandri Carlos, “a noção de espaço produto do trabalho social suplanta o da simples organização pelo grupo humano [...] tal postura traz para a geografia a necessidade de compreensão do movimento das coisas e as coisas em movimento” (CARLOS, 2011, p. 120).

Em linhas gerais, quanto ao percurso da disciplina geografia da religião<sup>4</sup>, na primeira metade do século XX, pode-se encontrar obras dedicadas à geografia e à religião indicando um caminho inicial dos estudos teóricos de religião entre os geógrafos. Porém, “a abordagem da religião na geografia esteve alijada dos estudos teóricos publicados na ciência geográfica” (ROSENDAHL, 2012, p. 25)<sup>5</sup>. Conforme Rosendahl (1999), a partir da década de 1960, os estudos de geografia da religião passam a ter crescente relevância no âmbito da geografia, passando a constituir-se em um perceptível campo da disciplina. De acordo com Santos (2002), na década de 1980, os estudos sobre religião apresentavam uma abordagem política do fenômeno religioso, realizando considerações sobre religião e poder. Alguns estudos também exploravam a percepção do mundo e o universo imaginário, ricamente presente nas religiões. Segundo Rosendahl (2012, p. 25), “a experiência da fé na pesquisa geográfica apresentada após 1990 enfatiza a perspectiva cultural do indivíduo e/ou grupo social escolhido para análise”. Os estudos associavam a relação entre espaço e religião, sendo necessário o entendimento de dois conceitos fundamentais para interpretação: o *sagrado* e o *profano*. (ROSENDAHL, 2012).

Não obstante tal percurso da geografia da religião, a perspectiva de leitura neste estudo é o da geografia urbana, a qual apresenta como interesse investigativo os processos de produção do espaço urbano.

O processo de industrialização influenciou diretamente no crescimento da urbanização. Tal processo mudou não só o modelo de produção, mas também o modo de vida da sociedade<sup>6</sup>. Surge, nessa conjuntura, como afirmam Romanelli e Abiko (2011), o processo de metropolização, ou seja, a ampliação do espaço urbano para além de seus limites territoriais, fazendo com que seja criado um espaço urbano integrado a partir da cidade núcleo levando em consideração interesses e funções comuns.

É neste contexto de metropolização que se transforma o senso religioso nas periferias das grandes cidades. Conforme Fajardo (2011), o crescimento urbano possui uma íntima relação com a dimensão religiosa. Nessa perspectiva, é preciso relacioná-lo com o processo de urbanização do Brasil, desde meados do século XVIII até a segunda metade do século XX, através do processo de metropolização<sup>7</sup>. Portanto, associando-se o processo de metropolização com o senso religioso é possível verificar algumas aproximações.

## METROPOLIZAÇÃO E PENTECOSTALISMO

A transformação ocorrida no senso religioso brasileiro não extrapola significativamente a matriz cristã. A grande transformação se dá no interno da tradição do cristianismo, tornando o Brasil em um país não mais reconhecido como hegemonicamente católico, mas de maioria católica. Esta alteração tem a ver com a chegada e o crescimento de igrejas protestantes e seu desdobramento no país.

A vinda do protestantismo para o Brasil, na metade do século XIX, coincide com a expansão capitalista mercantilista europeia em direção à África, Ásia e América Latina. Esse momento histórico fez com que a elite intelectual acreditasse que o protestantismo iria trazer a tão sonhada modernização. Comumente, o protestantismo é dividido entre protestantes históricos e pentecostais<sup>8</sup>.

As transformações ocorridas no senso religioso brasileiro estão diretamente relacionadas com as modificações vivenciadas na sociedade<sup>9</sup>. A exemplo disso destaca-se a passagem de uma sociedade predominantemente agrária e rural para uma sociedade majoritariamente urbana e voltada para produção de bens e serviços<sup>10</sup>. No caso do pentecostalismo, observa-se uma forte ligação com as camadas populares, pois atinge uma camada social da população urbana, formada pelas classes médias baixas, média-média e, apenas em menor grau, a feis da classe média alta.

Enquanto fenômeno religioso, o pentecostalismo está em constante processo de mutação<sup>11</sup>. Sua origem, como afirma Gedeon Freire de Alencar, antecede em muito

o mito fundante do ocorrido na *Azuza Street*. Para Alencar (2014, p. 223), “diversos outros grupos e movimentos são caudatários deste, mas existem muitos outros movimentos e fenômenos anteriores a Azuza. Há inúmeros fenômenos ao longo da história cristã que poderiam ter esse carimbo”. Não obstante, temos um século em que o Pentecostalismo não cessa de se transformar. Segundo Campos (2011, p. 516) “uma vez instaurado, não mais cessa de se transformar, abandonando em sua trajetória as antigas características e assimilando outras novas, tidas agora como necessária para a sua expansão e sobrevivência”. Cada fase do pentecostalismo traz consigo uma nova concepção de culto e fé, o que se diferencia das outras denominações religiosas. Quanto ao processo de expansão das igrejas pentecostais, segundo Campos (2011, p. 519):

*O pentecostalismo levou uma grande vantagem sobre o protestantismo histórico ao pregar uma mensagem que envolve corpo e alma, ao abordar as necessidades humanas do ponto de vista integral, sem que seja preciso esperar pela morte e céu para a concretização das esperanças. Por outro lado, a associação da ‘doença’ e ‘mal-estar’ com a figura do ‘diabo’ ofereceu aos destinatários de sua mensagem uma teodiceia apropriada para tempos de sofrimentos e incertezas.*

De acordo com Mônica Machado (1997), existe uma estrutura organizacional pentecostal que difere das igrejas protestantes históricas e, principalmente, da Igreja Católica<sup>12</sup>. Um dos elementos que favorecem a aglomeração de igrejas pentecostais é a baixa exigência de formação acadêmica. Estas igrejas pentecostais consideram que a prática evangelizadora sobrepõe a formação teológica. Normalmente os requisitos que são utilizados para ser um pastor ou uma pastora são conversão, dedicação e vontade. Além disso, como afirma Chinnici (2010, p. 112) “*estos movimientos se caracterizan por responder a las necesidades sociales y comunitarias que las iglesias tradicionales de la esfera protestante, parecen no garantizar de forma inmediata a sus feligreses*”.

Atualmente, com o processo de crescimento do número de adeptos ao pentecostalismo<sup>13</sup>, a fragmentação religiosa e o surgimento dia a dia de novos templos, torna-se difícil destacar uma estrutura de organização precisa nas igrejas pentecostais. Portanto, existe uma grande dificuldade em definir o território pentecostal, uma vez que é momentâneo, baseado na lógica de transitoriedade e da mobilidade de espaços sagrados. Esse processo é favorecido pelo fato dos templos estarem espalhados no espaço urbano, muitas vezes ocupando imóveis comerciais alugados, os quais foram construídos para atender a outras funções e não especificamente a funções religiosas. Remontando a Machado (1997), é considerável afirmar que o pentecostalismo apresenta uma territorialidade informal e fugaz.

A exclusão social, base estrutural da sociedade capitalista, gera como consequência uma distância cada vez maior entre ricos e pobres. Tal fenômeno não é difícil de ser percebido para quem está atento à paisagem urbana, e para aqueles que observam como são dispostos os equipamentos de uso coletivo nos espaços da cidade, como destacara Corrêa (1993).

Com isso, pode-se dizer que, por ser excludente, o processo de ocupação da cidade leva as pessoas a se concentrar nas periferias. Esse fenômeno, até certo ponto, ajuda a compreender a presença pentecostal na periferia, considerando a camada social da população atingida pelo pentecostalismo, o perfil da formação acadêmica do pastor e as características das áreas em que acontecem as aglomerações.

A metropolização<sup>14</sup> nessa perspectiva está acompanhada da periferação, reforçando o caráter excludente da lógica do mercado. Os imigrantes, nesse contexto, sem acesso à terra nas áreas centrais, se deslocam para áreas periféricas. Esse processo nos leva a constatar que a migração ocorre para áreas distantes e com infraestrutura inadequada.

Conforme Fajardo (2011, p. 182), “o pentecostalismo, em suas variadas formas, desenvolveu-se no Brasil em paralelo com o processo de urbanização dos grandes centros urbanos”. Esse espaço urbano, por sua vez, é modelado segundo os interesses econômicos.

A lógica capitalista que orienta a ocupação do solo urbano atinge a população que não dispõe de recursos para garantir habitação com qualidade. Essa população normalmente é deslocada para as periferias, onde o valor da terra se torna mais acessível, embora sejam lugares, em geral, afastados da vida produtiva da cidade.

Para entender o processo de aglomeração,<sup>15</sup> faz-se necessário abordar o tema da localização e das funções urbanas. Esses temas são necessários para a compreensão das economias de aglomeração, que são consideradas como o movimento que leva à concentração das atividades econômicas em determinada localidade. Esse tipo de economia é naturalmente encontrado no meio urbano em áreas especializadas. Com isso, é pertinente entender a lógica de ocupação do comércio no espaço urbano para, dessa forma, realizar uma correlação com a lógica de ocupação das igrejas.

A coesão é um processo relacionado à produção do espaço e pode ser definida como o movimento que leva atividades e serviços a se localizarem juntas, tal como destaca Corrêa (1993). A ênfase na localização de funções urbanas, de acordo com Clark (1985), está na construção de modelos sobre as relações e processos sociais e econômicos que determinam o padrão urbano. Os lugares apresentam uma hierarquia funcional de acordo com o período histórico e a ofertas de serviços são distribuídas no espaço, considerando a lógica locacional que

visa à diminuição de gastos e a maximização dos lucros, atendendo aos princípios do sistema econômico capitalista.

Realizando uma analogia com o processo de coesão em relação à dinâmica espacial das igrejas pentecostais, é possível inferir que os templos se encontram espalhados no espaço urbano, localizados em lojas comerciais, normalmente alugados, que foram construídos para atender outras finalidades, diferentemente da Igreja Católica. Tendo por objetivo a visibilidade e acessibilidade, ocupam áreas de maior concentração comercial, como afirma Oliveira (2012).

Corrêa (1993) defende que o processo de coesão, é sinônimo de economias externas de aglomeração. Normalmente, tal teoria se aplica ao comércio e à indústria. Porém, afirma Oliveira (2012, p. 155), ser “possível identificar duas formas de coesão que envolve as igrejas evangélicas – em especial as igrejas pentecostais, por possuírem maior mobilidade espacial”. Conforme o autor,

*a) Apesar das igrejas serem de naturezas distintas dos estabelecimentos comerciais, eles estão localizados juntos uns dos outros. Esse processo de coesão entre templos religiosos e estabelecimentos comerciais é explicado pela facilidade de localização das igrejas em áreas comerciais, pois cômodos comerciais vazios podem ser adaptados e utilizados como igrejas. Além disso, se localizar em áreas em que a circulação de pedestres e automóveis é intensa dá visibilidade à igreja, fazendo com ela cresça e se consolida no local instalado. b) As igrejas se localizarem próximas umas das outras. Apesar desta lógica espacial de instalação de templos ser contraditória, é altamente eficiente, principalmente quando as igrejas pentecostais se instalam próximas às igrejas católicas ou centro espíritas, pois podem receber os fiéis descontentes com essas denominações religiosas (OLIVEIRA, 2012 p.155-6).*

Um ponto que costuma ser destacado quanto à lógica de instalação de igrejas pentecostais é o da acessibilidade. O acesso deve ser fácil ou ser atendido por uma adequada rede de transporte público. Em bairros de periferia, a instalação de igrejas pode ser facilitada pela existência de algum comércio já em funcionamento; pelo acesso facilitado por uma avenida principal em regiões em que se concentra as atividades comerciais; pela disponibilidade de espaços para locação; e pela facilidade de circulação para pedestres e automóveis, destaca Oliveira (2012).

“AQUI SE TROPEÇA EM IGREJA”<sup>16</sup>

Considerado como caso paradigmático, o bairro Capelinha, no município de Betim/MG, foi escolhido devido às suas características econômicas e religiosas. Nes-



se bairro há uma pulverização do cristianismo pentecostal, com expressiva aglomeração de igrejas.

O município de Betim localiza-se no estado de Minas Gerais, na região Metropolitana de Belo Horizonte. A cidade tem sua origem no período colonial, mas adotou, ao longo da sua trajetória, traços industriais<sup>17</sup>. O crescimento e a autonomia da Capela Nova do Betim criaram condições necessárias para que o distrito se tornasse município. A partir da reforma administrativa, ocorrida em 1938, o município recebe o nome de Betim. A implantação da infraestrutura no município remete ao século XX<sup>18</sup>.

O bairro Capelinha situa-se na região leste do município, na divisa com o município de Contagem. A origem do nome Capelinha refere-se à existência de uma capela que foi construída pela Rede Ferroviária Federal (RFFSA)<sup>19</sup>. Um morador antigo do bairro, identificado como entrevistado 1, mudou-se com sua família para o Capelinha em 1968. Segundo o relato, nesse período o bairro tinha apenas algumas casas nas terras que pertenciam RFFSA<sup>20</sup>. Segundo o entrevistado 1, com a extinção dessa empresa estatal, as terras pertencentes ao bairro Capelinha foram arrendadas pela Prefeitura na gestão de Osvaldo Resende Filho e Ivair Nogueira do Pinho no início dos anos 90<sup>21</sup>. O processo de ocupação com a construção das casas prosseguiu nas duas gestões da prefeita Maria do Carmo Lara Perpétuo.

Quanto à presença religiosa, segundo o entrevistado 2, o bairro ficou por um grande período sem a presença da Igreja Católica. Segundo o relato, os fiéis católicos, quando desejavam ir à missa, tinham que se deslocar para outras localidades. O entrevistado 2 afirma que esse contexto foi propício para a implantação das igrejas evangélicas no bairro, mais especificamente as igrejas de origem pentecostal. Esse entrevistado também acrescenta que esse contexto foi favorável para o trânsito religioso.

Ao considerar o fenômeno da aglomeração de igrejas evangélicas no bairro Capelinha, buscando explicar os elementos que favoreceram a existência deste cenário, consideradas as contribuições da geografia para entendimento da religião, as características do pentecostalismo, a metropolização e o processo de coesão, o primeiro ponto a ser considerado é que a aglomeração das igrejas evangélicas pentecostais no bairro Capelinha não é um caso isolado<sup>22</sup>.

Nas entrevistas realizadas para identificar a origem do bairro Capelinha, foi possível identificar a naturalidade dos moradores. Esses, em sua maioria são originários de municípios rurais do Estado de Minas Gerais. Migraram para Betim em busca de melhores condições de vida e emprego, devido às mudanças ocorridas no padrão produtivo e também no modo de vida da sociedade. A Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) desempenhou inicialmente um papel de atração devido à concentração da força produtiva, ao tempo em

que também exerceu um poder de expulsão, pois o processo carrega consigo as marcas da desigualdade social ao transformar os espaços em mercadoria, característica das cidades capitalistas como vimos acima. Quando isso ocorre, nota-se uma fragmentação do tecido urbano, ou seja, a população de maior poder aquisitivo localiza-se em espaços mais bem assistidos de infraestrutura, e, por outro lado, a população de menor poder aquisitivo tende a se localizar em áreas periféricas ou em aglomerados, vilas e favelas.

No bairro Capelinha encontra-se uma população que sofreu de maneira incisiva o processo de expulsão. As pessoas que receberam a doação dos lotes no bairro residiam há pelo menos cinco anos no município e encontravam-se em condições precárias, visto que esse contingente se localizava em áreas de risco, pagando aluguel ou vivendo em áreas invadidas<sup>23</sup>.

As migrações intraestaduais sustentaram consideravelmente o processo de expansão da RMBH e, conseqüentemente, a periferização da população com poucos recursos. A migração, nesses casos, é uma das poucas, senão a única esperança dessas pessoas, pois se migra quando as condições do município de origem não são favoráveis à sobrevivência. As regiões de destino se apresentam como um atrativo, considerando o olhar positivo da busca pelo trabalho e das possibilidades de melhoria de qualidade de vida.

No caso do bairro Capelinha, que teve seu processo de ocupação desenvolvido a partir da década de 90, os fatores principais que motivaram a migração foram outros. Primeiramente, porque se trata de uma população que já residia no município e encontrava-se em situação de fragilidade socioeconômica. Um outro fator importante destacado em entrevista é a presença de frigoríficos<sup>24</sup> na região. Esses frigoríficos, como foi destacado pelo entrevistado 2, desempenham o papel de atração e empregabilidade para os moradores.

O processo de ocupação populacional em Betim e a conseqüente formação de bairros, vilas e favelas deu-se, em grande parte, pela chegada de imigrantes expulsos das periferias de Belo Horizonte e Contagem, os quais foram para a região do bairro à procura de emprego. É possível compreender esse fenômeno na medida em que se entende que as cidades capitalistas transformam os espaços em mercadoria tal como temos destacado. Nesse contexto, aqueles que não possuem recursos para consumir os espaços são deles excluídos.

O processo de expulsão na cidade ocorre inicialmente com a instalação do migrante na periferia, pois esse não tem acesso à área central das metrópoles, considerado o alto valor da terra. Posteriormente, migram para bairros ou municípios no entorno das grandes cidades, obedecendo uma lógica inerente ao próprio modo capitalista de produção.

Nesse sentido, no bairro Capelinha identifica-se uma população que sofreu o processo de saída do campo para se instalar no centro urbano, em busca de melhores con-



dições de vida e emprego, devido à mudança dos processos produtivos. Além disso, caracteriza-se por ser uma população que encontrou na religião uma saída para seus problemas pessoais, haja visto a efervescência da dimensão religiosa no bairro, em particular em sua principal via, a Avenida Nova York.

O campo evidenciou a perda do monopólio da Igreja Católica e, por outro lado, o crescimento dos evangélicos, especialmente os de origem pentecostal. O percentual total de evangélicos da área de ponderação do IBGE na qual se localiza o bairro Capelinha é de 44,1%. Por sua vez, o percentual de católicos é de 38,9%. A aglomeração das igrejas situadas na avenida Nova York é resultado de um processo de crescimento da presença pentecostal na região.

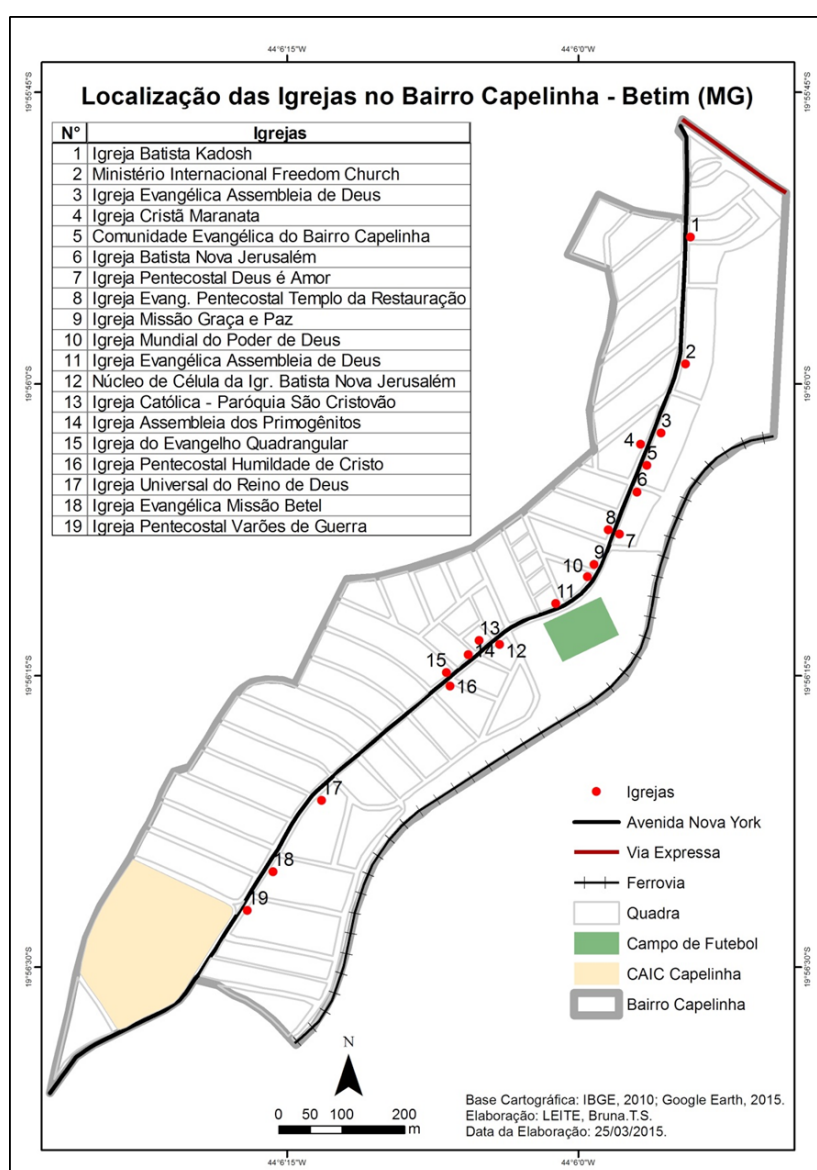


Figura 1: Localização das Igrejas no Bairro Capelinha – Betim (MG)  
 Fonte: IBGE (2010); Google Earth (2015).

As igrejas pentecostais compreenderam bem a realidade religiosa e encontraram formas eficazes de aí se desenvolver e alcançar os seus objetivos. Em campo percebeu-se que as igrejas de origem pentecostal utilizam da cura divina, do discurso de busca de prosperidade material, de rituais de exorcismo, de expressões emotivas, da estrutura empresarial e da evocação da presença do diabo e dos demônios. Estas foram as formas encontradas como características dos serviços religiosos oferecidos na região. Em campo foi possível identificar que o grupo carismático católico existente no bairro Capelinha, utiliza elementos comuns aos evangélicos, sendo esses a forte presença da emoção e um discurso para atender as necessidades de seu público.

Há vários estudos que demonstram que as igrejas pentecostais apresentam forte ligação com as camadas populares<sup>25</sup>. Por mais que na atualidade essas igrejas atinjam outra espacialidade e atendam a um outro perfil socioeconômico, a concentração de templos ainda se dá em locais periféricos. Nota-se que, no bairro Capelinha, alguns elementos favoreceram a aglomeração de igrejas, sendo um deles o perfil socioeconômico do bairro. O rendimento nominal da população da área de ponderação que inclui o bairro Capelinha encontra-se na segunda faixa de menor rendimento médio. Em relação à alfabetização, 85,2% da população são de pessoas alfabetizadas e 14,8% não sabem ler e escrever. Cabe ressaltar que o percentual de população alfabetizada inclui aqueles que não concluíram o ensino fundamental e o ensino médio. Em termos gerais, percebe-se que a aglomeração de igrejas ocorre em uma área em que o nível de escolaridade é baixo, assim como o rendimento médio da população. Desta maneira, constata-se que as igrejas se desenvolvem segundo a realidade social e econômica dos seus fiéis. Esse fato é evidenciado pelo discurso dos líderes religiosos nos cultos visitados, destacando-se o desenvolvimento econômico pessoal e, conseqüentemente, a ascensão social.

Conforme Machado (1997), existe uma estrutura organizacional pentecostal, a qual compreende bases e dispositivos de expansão, hierarquia, instituições de poder e agentes religiosos. Identificou-se no bairro um Núcleo de Célula da Igreja Batista Nova Jerusalém, que tem atuação relevante por permitir a prática evangelizadora e a própria difusão e crescimento da denominada igreja. No entanto, percebe-se que o pentecostalismo não se sustenta pela estrutura apresentada, pois atualmente o movimento pentecostal apresenta uma territorialidade informal e fugaz. Na avenida Nova York ocorre uma pulverização das instituições cristãs e atrelado a isso sua fragmentação, pois as igrejas se desvinculam umas das outras, na intenção de atender demandas específicas.

As igrejas do bairro Capelinha apresentam algumas similaridades. Em sua grande maioria foram instaladas em espaços destinados a estabelecimentos comerciais. A própria arquitetura indica que os templos existem em espaços nos

quais, anteriormente, funcionavam bares, mercearias, farmácias, entre outros. Outra característica é que a maioria das igrejas está alocada em espaços bem simples. Pequenas lojas ou galpões transformam-se em espaço sagrado. A quantidade de fieis nos cultos normalmente varia e se dá majoritariamente por um público jovem. Pode-se dizer que a aglomeração de igrejas na avenida Nova York, em Betim, revela um trânsito entre as próprias igrejas. Em um paralelo com o estudo desenvolvido por Oliveira (2012), é perceptível que a localização próxima das igrejas favorece o recebimento de fieis descontes com determinada denominação religiosa.

Em relação aos pastores, percebe-se em campo que a maioria não possui formação acadêmica. Os pastores, em sua maioria, além de dirigirem o culto, também são os proprietários das igrejas. Não foram localizadas igrejas lideradas por mulheres na região. O pastor sendo reconhecido líder espiritual e, em certos casos, como dono da Igreja, procura em seu estabelecimento oferecer uma variedade de produtos espirituais, partindo das necessidades de seus fiéis, como prosperidade material, cura, milagres, orações, a casa própria, emprego ou soluções para problemas de relacionamento.

Um fator importante dessa análise diz respeito à atuação da Igreja Católica na região. As missas, reuniões e demais atividades do atendimento religioso aconteciam eventualmente no bairro Capelinha, informaram os entrevistados. Em conformidade com as entrevistas realizadas, a capela que deu origem ao nome do bairro sofreu um movimento de vandalismo, e, posteriormente, ocorreu sua demolição. Os católicos que desejavam ir à missa precisavam se deslocar para outros bairros. Portanto, a ausência da Igreja Católica, o processo de migração, a mudança dos processos produtivos, o poder de expulsão do processo periférico na constituição da metrópole e a forte ligação que o pentecostalismo possui com as camadas populares, sugerem ser, em síntese, os elementos que favoreceram o processo de aglomeração de igrejas na avenida Nova York.

Conforme apresentado acima, as igrejas evangélicas pentecostais encontraram no bairro Capelinha, principalmente na avenida Nova York, um ambiente propício para sua ocupação e expansão. Apesar de as igrejas serem de natureza distinta dos estabelecimentos comerciais, elas buscaram se localizar em áreas próximas de algum comércio consolidado, de lojas vazias que pudessem ser adaptadas e utilizadas como espaço sagrado.

Percebe-se em campo que a avenida Nova York, possui um comércio altamente consolidado na região. Além da aglomeração de igrejas, nessa avenida ocorre a concentração de várias atividades comerciais. Em relação a isso foi possível identificar padarias, mercearias, lanchonetes, restaurantes, supermercados, oficinas, frigoríficos, lojas de roupas, calçados e utilidades, além de uma escola. A visibilidade e a acessibilidade que a avenida exerce em seu contexto

regional pode ser explicada pela importante ligação que realiza entre a avenida Marco Túlio Isaac e a avenida Adutora Vargem das Flores (a Via Expressa que liga Betim a Belo Horizonte, passando por Contagem). Outro ponto relevante é que, na avenida, o tráfego de ônibus, automóveis e pessoas é constante, o que garante reconhecimento das ofertas de serviço e produtos tanto comerciais quanto religiosos para a população que por ali transita.

Na área de estudo foi confirmada a teoria proposta por Oliveira (2012). Embora seja conhecida a distinção entre estabelecimentos comerciais e igrejas, ficou evidenciada a dinâmica da coesão, que é explicada pela facilidade de localização dos cômodos disponíveis para aluguel, pela facilidade de adaptação dos imóveis em igrejas, pela circulação de pedestres e veículos que garantem sua visibilidade e, por fim, pelo recebimento de fiéis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que sustenta este artigo revelou que houve, pelos resultados obtidos, elementos que contribuíram para o surgimento da aglomeração e fatores que permitiram a sua manutenção. O artigo procurou evidenciar os elementos responsáveis pela forte aglomeração espacial de templos ao longo da Avenida Nova York, localizada no bairro Capelinha, em Betim/MG. Constatou-se que a ausência da igreja católica no local, as fragilidades sociais dos moradores do bairro, fruto do processo de metropolização e periferação e, por fim, as condições de acessibilidade nas quais as igrejas estão inseridas, foram determinantes para a aglomeração e manutenção destas na Av. Nova York.

A avenida Nova York está localizada na região central do bairro Capelinha e apresenta grande facilidade de acesso. Conta com um forte comércio consolidado e ainda realiza uma importante ligação, entre vias importantes na região

A maioria das igrejas ali localizadas procuram oferecer o atendimento das necessidades econômicas e emocionais da população, uma vez que reconhecem o perfil socioeconômico em que estão inseridas. Essa variável mercadológica utiliza-se das fragilidades sociais para a difusão da mensagem das igrejas e o oferecimento de soluções para os problemas enfrentados, com o atendimento especializado no tratamento dos fiéis, o reconhecimento e o auxílio para a resolução dos seus problemas.

Observou-se a influência do processo de ocupação do espaço urbano, o qual é moldado de acordo com os interesses do capital, mesmo que para isso ocorra a fragmentação do tecido urbano. Essa é explicada pelo direcionamento da população de menor poder aquisitivo, para áreas periféricas com pouca ou nenhuma infraestrutura. Em contrapartida, os moradores que possuem condições mais favoráveis, localizam-se em espaços mais bem assistidos de infraestrutura e

de serviços. A população do bairro Capelinha é resultado desse processo, uma vez que, oriundos do interior, vieram para a cidade à procura de melhores condições de vida.

A partir desse cenário, percebeu-se que a aglomeração das igrejas é favorável para evangelização e expansão do pentecostalismo, o que se confirma pelo elevado percentual de evangélicos no bairro, pela acessibilidade e visibilidade que a avenida exerce em seu contexto local. A pesquisa ajudou a compreender um pouco da forma com que as igrejas se apropriam das carências sociais, da lógica de mercado e das especificidades geográficas, para se instalarem e se manterem naquele local.

## THE CHANGING RELIGIOUS SENSE IN THE OUTSKIRTS OF BIG CITIES

**Abstract:** *this article presents reflections on the changing religious sense in the outskirts of the big cities through a case study in Avenida Nova York, Capelinha district of Betim/ MG. The current study aims to identify the elements that account for the agglomeration of Pentecostal temples in the given site. The theoretical framework addressed contributions from Urban Geography, as well as general features of Pentecostalism in the metropolization process, and other aspects concerning location and urban functions. The results point to the occurrence of elements that gave rise to the agglomeration of Pentecostal churches in the studied area. In such case, special emphasis has been given to the role of attraction and expulsion in the Metropolitan Area of Belo Horizonte (MABH); the socioeconomic frailty of the local populace; the absence of Catholic churches, and, finally, to the rationale behind the implementation of Pentecostal churches.*

**Keywords:** *Religious Studies. Urban Geography. Metropolization. Pentecostalism. Contemporary religious senses.*

### Notas

- 1 Optou-se por reunir sob o termo pentecostal à diversidade de Igrejas que não necessariamente atendem às categorias formuladas pela academia, tais como pentecostal, neopentecostal, etc. Esta opção se apoia no campo, pois as igrejas identificadas na pesquisa se denominam igrejas pentecostais. Sobre o século de atuação das igrejas pentecostais no país, recomendamos a leitura do Editorial de Dias (2011), na Revista *Horizonte*, assim como o respectivo dossiê sobre o Pentecostalismo no Brasil.
- 2 Esta aglomeração foi percebida por um dos autores desse artigo quando, no final dos anos 90, transitava pela Avenida Nova York, no bairro Capelinha, a caminho do trabalho como professor na unidade da PUC Minas em Betim. Ali surgiu o interesse pelo fenômeno ao avistar a cada dia um expressivo volume de templos a oferecer, simultaneamente, serviços religiosos em uma pequena extensão da via. O interesse do pesquisador foi compartilhado pelo Grupo de Pesquisa Religião e Cultura, tendo sido realizado a partir da segunda década dos anos 2000, algumas orientações que resultaram em Trabalhos de Conclusão de Curso, como os de Moura e Almeida (2014), Leite (2016), e uma dissertação de mestrado de Moreira (2014).

- 3 Segundo Amorim (2013), a geografia da religião no Brasil vem despertando o interesse por parte dos geógrafos. Em 1993 foi criado Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), no Departamento de Geografia na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), coordenado por Zeny Rosendahl. Também destacamos o Núcleo de Pesquisa em Religião (NUPPER), liderado pelo geógrafo Sylvio Gil Filho, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Destacamos, a propósito desse tema, os trabalhos de Rosendahl (1996, 1999, 2005 e 2012); Gil Filho (2002, 2007 e 2013). Sobre a geografia cultural, veja-se Claval (1997 e 1999), assim como Corrêa e Rosendahl (2003). Para uma compreensão do pensamento geográfico, veja-se Moraes (2007).
- 4 Um desenvolvimento mais detalhado da disciplina geografia da religião pode ser visto em Usarski (2007), Hock (2010) e também em Gil Filho (2013).
- 5 A história dos estudos relacionados à espacialidade da religião reporta-se ao geógrafo alemão Gottlieb. Tais estudos consideram que o termo *Geografia da Religião* foi usado inicialmente em uma publicação de Gottlieb em 1975 (ROSENDAHL, 2012).
- 6 Maria Encarnação Spósito em *Capitalismo e Urbanização*, esclarece como o processo de industrialização contribui para o fenômeno urbano. Spósito (1991) salienta que o fenômeno da urbanização consolidado nas cidades capitalistas, palco de lutas de classes, moldam os espaços de acordo com os seus interesses, mesmo que tenha que fragmentar todo o tecido urbano.
- 7 O Brasil sofreu transformações ao deixar de ser um país majoritariamente agrário e rural para ser um país urbano e industrial. Essas mudanças impactaram o cenário político, econômico e social do país.
- 8 Conforme a tradicional leitura de Freston (1994, p. 70), “o pentecostalismo pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas”. Segundo este autor, a década de 1910 é conhecida como a primeira onda, que compreende a chegada da Congregação Cristã, em 1910, e da Assembleia de Deus, em 1911. A segunda onda é datada entre anos 1950 e início dos anos 1960. Esta fase é caracterizada pela fragmentação dos pentecostais com a formação de novos grupos. A partir do final dos anos 1970 têm-se o início da terceira onda, o que Mariano (1999) e Campos (1997) chamam de “neopentecostalismo”. É nos anos 1980 que esse movimento ganha força. Como afirma Freston (1994), as igrejas da terceira onda possuem características de cura divina, busca pela prosperidade, rituais de exorcismo, liberdade de expressões emotivas, estrutura empresarial e divulgação da presença do diabo e dos demônios. Cabe ressaltar que, através do uso da mídia, essas igrejas introduziram o evangelismo de massa, propagando assim sua ideologia religiosa.
- 9 Esses traços, como veremos, se fazem notar nas igrejas da Avenida Nova York, em Betim/MG.
- 10 Através dos dados disponibilizados pelos Censos Demográficos do IBGE, como demonstra Campos (2011), é possível identificar uma relação diretamente proporcional entre a opção religiosa e a migração campo/cidade. O pentecostalismo emerge no interior do processo da passagem do período rural para uma rápida metropolização.
- 11 Como reforça Campos (2011), o movimento pentecostal influencia e redefine novas posturas religiosas. “A realidade é que o pentecostalismo encontrou nas vertentes do imaginário social brasileiro elementos de piedade e de utopia, que não foram percebidos pelo protestantismo histórico. O modelo protestante e inicial dos pentecostais, que privilegiava rupturas com a cultura popular brasileira, foi dando lugar a uma postura de continuidade que atingiria na expansão dos neopentecostais a sua mais alta expressão (CAMPOS, 2011, p. 515).
- 12 Conforme Machado (1997), pode-se definir uma estrutura organizacional de cada denominação pentecostal como sendo composta basicamente por organismo supralocal, com templos sedes ou igrejas mães, igrejas filiais, salões e pontos de pregação.



- 13 Sobre o crescimento do pentecostalismo em Minas Gerais, veja-se Palhares (2010).
- 14 Segundo o Observatório das Metrôpoles (2015), em Belo Horizonte, o processo de metropolização tem seu início nos anos quarenta. A década de cinquenta é responsável pela consolidação socioespacial metropolitana, com ênfase no eixo industrial, na região oeste, e na expansão periférica na região norte. A década de setenta é marcada pela nova industrialização no Estado de Minas, sendo facilitada pela isenção tributária para as indústrias. A metropolização se intensificou a oeste, a norte e a noroeste, favorecida pelo processo de conurbação.
- 15 Analisar o espaço urbano na perspectiva de compreender a lógica de localização é uma preocupação da geografia urbana. Neste caso, procura-se compreender a aglomeração de atividade/serviço, o que aqui entende-se por aglomeração de igrejas, tal como ocorre na avenida Nova York, no bairro Capelinha, em Betim/MG.
- 16 Título da dissertação de mestrado de Moreira (2014). A frase foi anunciada quando o pesquisador e seu orientador, coautor desse artigo, em um exercício de aproximação do campo, depararam-se com uma moradora que perguntava o que estavam fazendo ali. Ao lhe ser explicado o trabalho ela comenta uma das principais características do bairro, a expressiva aglomeração de igrejas.
- 17 O contexto histórico de Betim se assemelha ao de várias cidades do Estado de Minas Gerais. O descobrimento do ouro no final do século XVII deu origem a muitos povoados. A região que atualmente denomina-se Betim fazia parte de uma importante rota que vinha de São Paulo a Pitangui e era uma rota utilizada pelos bandeirantes. Era ainda considerada uma rota de abastecimento que vinha da Bahia a Minas. No século XVII, o bandeirante paulista José Rodrigues Betim obteve seu território como sesmaria, relativo ao território localizado no Vale do Ribeirão da Cachoeira, hoje conhecido como rio de Betim. Betim herdou o nome deste bandeirante, que não permaneceu nessas terras, transferindo-se para Pitangui em 1714. Após a doação da sesmaria, a região se consolidou como local de passagem dos tropeiros. Entre 1711 a 1750, a sesmaria de Betim recebeu vários núcleos de povoamento e o primeiro a ganhar prestígio foi o arraial da Bandeirinha do Paraopeba. Em 1750, os moradores da Bandeirinha solicitaram à Igreja Católica a construção de uma capela e como já havia outras capelas na região, o novo templo tornou-se conhecido como Capela Nova de Betim. Esse nome mais tarde veio a se estender ao povoado que surgiu no entorno da capela. A capela tornou-se a matriz e foi demolida em 1969. De 1760 a 1800, o arraial Capela Nova do Betim teve um crescimento considerável e foi elevado como distrito em 1797. Esse momento histórico é marcado por uma crise econômica, que atingiu toda a mineração e motivou o desenvolvimento de novas atividades econômicas, destacando-se a agricultura e pecuária. (Prefeitura de Betim, 2015).
- 18 Entre 1909 a 1911 foi construída a estrada de ferro que corta Betim e a usina hidrelétrica. Nas décadas de 1940 e 1950, Betim volta a ter relevante função de abastecimento destinado a Belo Horizonte. O planejamento do Estado destinou a Betim uma industrialização de base, representada por siderúrgicas. Na década de 40 foram instaladas no município as primeiras indústrias, destacando-se Cerâmica Saffran (1942), Ikera (1945) e Cerâmica Minas Gerais (1947). Na década de 50, instalaram-se na cidade as indústrias de bens de consumo duráveis. Deve-se a isso, a oferta privilegiada de infraestrutura e sua localização, às margens de rodovia e ferrovia. A década de 60 também é marcada pelo processo de industrialização, indústrias de médio porte se instalaram no Bairro Cachoeira, em virtude da presença da Avenida Amazonas, do Rio Betim e da ferrovia. A Refinaria Gabriel Passos, da Petrobrás, foi instalada no município, junto à rodovia Fernão Dias, em razão da possibilidade de escoamento da produção. No início dos anos 1970, instalaram-se em Betim a Fiat Automóveis e a Krupp, consolidando a primeira e importante industrialização local. O processo

de industrialização continua acelerado no início da década de 80. No entanto, no final da década, em virtude da recessão econômica, os investimentos diminuíram. (Prefeitura de Betim, 2015).

- 19 Segundo o entrevistado 1, a capela já existia quando ele e sua família se mudaram para a região. Pontuou que as missas ocorriam ocasionalmente, dado que os padres vinham de outras localidades. O entrevistado 1 afirmou que a capela sofreu um movimento de vandalismo, tendo sido furtadas as portas, as janelas e as imagens. Por conseguinte, a igreja foi demolida e o entrevistado alega que a imagem do santo Antônio foi levada para outro templo da Igreja Católica na região. Também alega que o cruzeiro que hoje está posto na atual construção do templo católico no bairro não é a cruz da antiga capela como reza a lenda urbana.
- 20 De acordo com o entrevistado 1, a ferrovia tinha algumas instalações e essas eram reconhecidas como Fazenda do Horto ou Fazenda da Rede. No local existia uma casa de campo na qual os funcionários da RFFSA dispunham do espaço para lazer. Atualmente, ali funciona o quartel da Polícia Militar
- 21 Segundo o entrevistado 1, as pessoas que receberam os lotes eram moradores do município de Betim, em sua maioria do Distrito Industrial Paulo Camilo (bairro localizado próximo à empresa FIAT). Porém, antes de residirem em Betim, moravam em áreas rurais do Estado de Minas Gerais. A migração fora motivada por razões de trabalho na região industrial da cidade.
- 22 O mesmo fenômeno pode ser observado em vários bairros de periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte, assim como em outras cidades do país. Porém, não é objetivo desse trabalho sugerir uma generalização do fenômeno nem o tratar de forma abstrata.
- 23 Essa situação é recorrente na RMBH, considerando as suas vilas, favelas e ocupações.
- 24 Destacam-se os frigoríficos Frangoletto Ltda, Ave Nova, Salsicharia Real e Frigobet.
- 25 Destacamos aqui o trabalho que realiza a Rede Latinoamericana de Estudos Pentecostais (RELEP).

#### Referências

- ALENCAR, Gedeon Freire de. Pentecostaismos & ecumenismos: Deus e o Diabo se (des)entendendo na Terra do Sol. *Caminhos – Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 220-239, jan.-jun. 2014.
- AMORIM, Sérgio Gonçalves de. Religião e espaço no Brasil moderno – contribuições teóricas e percepções empíricas. *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade*, São Paulo, v.11, n.1, p. 53-64, 2013.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Repensando a Geografia Urbana. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v.6, p. 119-122, 1992.
- CHINNICI, Fernando. El surgimiento de la “igreja cristã” de Niterói (ICN): predicando, orando y comerciando. *Interações – Cultura e Comunidade*, Belo Horizonte, v. 5, n. 8, p. 111-120, jul.-dez. 2010.
- CLARK, David. *Introdução à Geografia Urbana*. São Paulo: DIFEL, 1985.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

- CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I.E de. (orgs.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1993.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DIAS, Zwinglio Mota. Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, roblemas e desafios do fenômeno pentecostal. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 377-382, jul./set. 2011.
- FAJARDO, Maxwell P. Pentecostalismo, urbanização e periferia: Perspectivas teóricas. *Paralellus – Revista Eletrônica em Ciências da Religião*, Recife, n. 4, p. 181-192, 2011.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto *et al.* *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013. p. 275-286.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. 1. ed. São Paulo: Edufro, 2007. p. 207-222.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma Geografia do sagrado. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; KOZEL, Salette (org.). *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 253-265.
- HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010.
- LEITE, Bruna Thamires da Silva. *Aglomerado das igrejas pentecostais: Um estudo de caso na Avenida Nova York no Bairro Capelinha – Betim/MG*. 2016. 69p. Monografia (Graduação em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 4, 1997.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 21. ed. São Paulo: Anablume, 2007.
- MOREIRA, Júnio dos Reis. Aqui se tropeça em igreja: estudo sobre a relação entre as Igrejas evangélicas do Capelinha, modernidade e secularização à luz da sociologia da religião de Danièle Hervieu-Leger. 2014. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

- MOURA, Cassiana Matos de; ALMEIDA, Tatiane Aparecida de. *A secularização na contemporaneidade: um estudo sobre a perspectiva de Danièle Hervieu-Léger*. 2014. 41f. Monografia (Curso de Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- OBSERVATÓRIO DE METRÓPOLES. III Região Metropolitana de Belo Horizonte. Disponível em: [http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/como\\_anda/como\\_anda\\_RM\\_belo Horizonte.pdf](http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_belo Horizonte.pdf). Acesso em: 20 abr. 2015.
- OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente n. 34, v. 2, p. 135-16., 2012.
- ORO, Ari Pedro. Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 383-393, 2011.
- PALHARES, Ricardo Henrique. O Avanço do Pentecostalismo em Minas Gerais – Período 1991 a 2000. 2010. 151f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- PREFEITURA DE BETIM. A cidade de Betim. Disponível em: [http://www.betim.mg.gov.br/prefeitura\\_de\\_betim/falando\\_de\\_betim/o\\_municipio/39037%3B36637%3B070912%3B0%3B0.asp](http://www.betim.mg.gov.br/prefeitura_de_betim/falando_de_betim/o_municipio/39037%3B36637%3B070912%3B0%3B0.asp). Acesso em: 15 mai. 2015.
- REDE FERROVIÁRIA FEDERAL SOCIEDADE ANÔNIMA. Histórico. Disponível em: <http://www.rffsa.gov.br/principal/historico.htm>. Acesso em: 22 de mai. de 2015.
- REDE LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS (RELEP). Disponível em: <http://relep.org.br/site/>. Acesso em: 02 mar.2019.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem Geográfica*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ - NEPEC, 1996.
- ROSENDAHL, Zeny. Geografia da Religião: Uma bibliografia. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 7, p. 75-80, 1999.
- ROSENDAHL, Zeny. História, teoria e método em geografia da religião. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 24-39, 2012.
- ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2005. p. 191-226.
- SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e urbanização*. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1991.
- USARSKI, Frank. A geografia da religião. In: USARSKI, Frank (org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 173-197.